

Aluísio Azevedo carnavaliza o romance de tese em *Livro de uma sogra*

Tal é, na sua idéia geral, este livro, freqüentemente paradoxal e contraditório, por vezes exato e verdadeiro, desigual e difuso no estilo e na contextura, mal inspirado na ação, que é de baixa comédia, ousado, embora sem nenhuma originalidade nas idéias, imoral em suma, mas sugestivo e, no meio de nossa atual produção, distinto.¹

O romance *Livro de uma sogra*, de 1895, é a última obra romanesca de Aluísio Azevedo.

Essa obra tem suscitado estranheza entre os críticos, sendo difícil classificá-la tendo em vista os quadros estéticos disponíveis. Os críticos se dividem em relação a essa obra: alguns a percebem como romance de tese, inserindo-a no universo do real - naturalismo e outros a interpretam como distante do universo zolista, como é o caso de Alcides Maya e de Josué Montello:

Mas, a partir daquele esboço, e não citando os livros em que, por desfastio, o escritor se colocou entre Walter Scott e Ponson, todos os romances de Aluísio, com exceção do derradeiro, o *Livro de uma sogra*, têm a chancela do zolismo.”²

“Enquanto escreveu romances, Aluísio, que se conservava solteiro, foi um preocupado com o problema do casamento. E encheu com essa preocupação grande parte de sua obra de romancista. De *Uma lágrima de mulher*, livro romântico, ao *Livro de uma sogra*, romance de tese, debateu a questão ora definindo os males de situações de família ou de preconceitos sociais burgueses, ora estabelecendo soluções de psicólogo atilado, como no último e mais estranho de seus romances, onde procurou falar com ares de experiente através de supostos pensamentos e recordações de uma sogra.”³

O romance se constitui a partir de um discurso em primeira pessoa, feminino, de uma sogra, Olímpia, que sem conhecimentos filosóficos, científicos ou acadêmicos, escreve uma tese sobre o casamento, para ser lida e seguida por sua filha e genro. A tese, na realidade, é um receituário que define uma economia das relações conjugais no intuito de preservar o casamento do tédio. Os cônjuges devem seguir a monogamia, mas viverem de tempos em tempos separados a fim de preservarem o interesse mútuo que com a convivência diária fenece. De início

¹ VERÍSSIMO, J. A questão do casamento: a propósito do Livro de uma sogra. In: *Estudos de Literatura Brasileira*. 1ª série. São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1976, p.54.

² MAYA, A. Discurso do Sr. Alcides Maya. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, abr. 1920, p.74-75

³ MONTELLO, J. Uma lágrima de mulher: primeiro romance de Aluísio Azevedo. *Vitrina*, Rio de Janeiro, jun. 1943.

podemos verificar na obra uma crítica ao discurso de tese científicista tão apregoadado pelo naturalismo, pois já não temos mais o narrador observador cientista ou a figura típica do médico, munido de arsenal científico, afirmando e estabelecendo verdades. A personagem, Olímpia, partindo da observação social e da própria vivência conjugal, passa a desenvolver sua tese, seu programa, sua receita do bem viver a dois, aplicando-os em suas duas cobaias: sua filha e seu genro. Coloca em prática o que pensa ser um casamento perfeito: os cônjuges não devem viver sempre sobre o mesmo teto. O amor sexual define, porque sobrevém o tédio. Embora Olímpia não tenha uma teoria de *background*, há a Bíblia, especialmente o Levítico, em que se apregoa o afastamento do homem em relação à mulher *imunda* (estado menstrual), à gestante e à parturiente, a que Olímpia se reporta constantemente para dar sustentação à sua tese prática de distanciamento temporário dos cônjuges. Há também a figura do médico, na personagem César, que a acompanha e a auxilia. Aqui, porém, o saber médico é um acessório, e não parte essencial, como ocorre em *Girândola de amores*, *A mortalha de Alzira* e *O homem*, romances do mesmo autor, por exemplo. Aluísio Azevedo está afastado da escrita naturalista em que a literatura passa pela legitimação científicista. Em *Livro de uma sogra*, o tratado de Olímpia é apenas acompanhado pelo discurso médico que o ratifica.

Em *Livro de uma sogra*, temos um estudo filosófico satírico sobre os males e as virtudes do casamento assemelhado, em parte, à obra *Fisiologia do casamento* de Honoré de Balzac.⁴ Nessa obra, o escritor francês introduz personagens, fábulas, peripécias e toda sorte de gêneros de discurso (cartas, anedotas, máximas, parábolas, narrativas secundárias, intertextualidade literária etc) no sentido de dar sustentação à sua tese que consiste também em um tipo de receituário para o sucesso do matrimônio. Tal qual a obra de Aluísio Azevedo, o discurso predominante é o analítico satírico que vai desvendando os vícios, a falsa moral, as hipocrisias, os jogos de interesse que se manifestam nas relações entre os cônjuges, apresentando uma radiografia bem humorada e crítica da instituição matrimonial. Ambas as narrativas, elaboram um receituário pormenorizado e

⁴ BALZAC, H. *A fisiologia do casamento*. In: _____. *A Comédia humana*. Trad. Mário Ferreira Santos. 17. Vol. São Paulo: Ed. Globo, s/d.

detalhado de atitudes maritais que podem contribuir para a felicidade conjugal. Entretanto, esse receituário se torna risível em virtude de que se mostra sempre limitado em relação às possibilidades sempre novas e variadas de infelicidade, revelando a complexidade e a incompletude das relações sociais. Nesse sentido, essas obras apresentam uma atitude crítica em relação aos discursos monológicos, elaborados em forma de tratados, respaldados em análise científica, que visam descrever o objeto fielmente, levantar os problemas e apontar soluções definitivas. Os pseudotratados sobre o casamento tanto em Honoré de Balzac quanto em Aluísio Azevedo não logram trazer a felicidade conjugal a que se propunham, revelando-se discursos limitados.

Uma série de situações comuns são tratadas de modo jocoso nas obras tanto do escritor francês quanto do brasileiro, tais como: a lua-de-mel se transformando em lua-de-fel e em armadilha para o casal (LUS, p.126-131; em Balzac, Meditação VII, Da lua-de-mel) ; o romantismo das mulheres que idealizam a vida marital e que não encontra respaldo na realidade; o uso do mesmo quarto de dormir como proibitivo porque banaliza o desejo e revela o grotesco corporal (“O olfato tem suas idiossincrasias, tem as suas antipatias e as suas inclinações (...). Nos esposais, os direitos desse sentido (...), são perfeitamente ludibriados pela perfumaria de toucador, sem calcularem os noivos o perigo que com isso corre a sua futura felicidade conjugal. (...) Já não escondem absolutamente um para o outro os seus bocejos e as suas repulsivas expansões corporais” LUS, p. 80-81; em Balzac, Meditação XVII, Teoria do leito); a análise satírica da peripécia usada para avivar o amor (“Ah! – não se sustenta o amor sem o elemento dramático, e não há drama sem lágrimas”, LUS, p.177; em Balzac, Meditação XXII, Das peripécias); os enfeites de toda sorte de maquiagem e de toalete e o seu desmascaramento no casamento (“Quando um moço, ou uma moça, quer casar, qual é o seu primeiro cuidado? – Enfeitar-se; ou melhor – disfarçar-se.” LUS, p.77; em Balzac, p.400); a prostituição dentro do casamento (“Oh! quanto me prostituí nos braços de meu marido!”, LUS, p.27; em Balzac, V- Do orçamento, p.421); a dessacralização do amor pelo tédio (“Não há estômago que resista a faisão-dourado todos os dias; o melhor acepipe, se não for discretamente servido,

enfasiará no fim de algum tempo. O mesmo acontece no matrimônio: os cônjuges acabam invariavelmente por se enfiarem um do outro, não pelo uso que fazem do seu amor, mas pelo abuso mútuo da convivência e da ternura.” LUS, p.72; em Balzac, “O casamento deve incessantemente combater um monstro que devora tudo: o hábito” p.291); a tese do marido medíocre que se ajusta mais à felicidade conjugal porque não é desviado pela consagração e incenso público (“Até a sua própria mediocridade de inteligência se me afigurava o belo complemento da sua perfeição de animal humano: - o talento elevado a certo grau é sempre, no amor, uma anormalidade perigosa”, LUS, p.103; em Balzac, Introdução, p. 243) e, finalmente, a conclusão de que o sentimento amoroso é uma construção social, engenhosa, caprichosa, de mentes intoxicadas de romantismo, tendo um forte componente de classe social, vinculando-se à elite, e não um dado natural que possa ser desposado por todos os segmentos sociais (“Olhai o casamento entre a gente do campo. Por que razão o camponês é mais feliz no casamento do que a gente civilizada da cidade? É que lá na roça quando o João da Horta vai casar com a Joana dos Porcos já lhe conhece a medida justa da cintura, e já lhe viu os pés descalços, as unhas sujas e a cabeça despenteada (...) LUS, p. 83; em Balzac, p.257; 385; 501). Outro dado que aproxima as narrativas é a orientação do discurso para a classe social privilegiada que pode lançar mão de vários dispositivos materiais para incrementar a vida conjugal.

Como último romance de Aluísio Azevedo, essa obra nos parece uma paródia dos romances de tese naturalistas. O escritor parece se divertir em criar Olímpia, personagem autoritária, voz feminina em uma sociedade patriarcal, cuja tese e programa conjugal se embasa no discurso religioso e no empírico privado (a vida matrimonial de Olímpia). Longe estamos do narrador cientista, masculino, observando a mulher histérica e a definindo de modo monológico, utilizando-se de argumentação científica. O discurso de Olímpia não se esconde por trás de teses científicas, antes não oculta as suas limitações; incongruências; insanidade; autoritarismo e, também, boa vontade.

Olímpia justifica o seu procedimento, distanciando os cônjuges temporariamente, asseverando que o seu objetivo primordial é preservar a

felicidade conjugal, afastando o tédio. Vira uma idéia fixa para Olímpia. É a ditadura da felicidade que ela impõe. Olímpia é autoritária. A filha e o genro se submetem ao tratamento, aquela por ser dominada pela mãe e este por ser pobre. A personagem escolhe as suas cobaias a fim de poder validar a sua tese. O processo de escolha do genro-cobaia é bastante cômico e problematizador de várias questões sociais. Os oficiais da marinha são os primeiros pretendentes porque, em virtude da profissão, se ausentam do lar e isso é ponto positivo para que o tédio não se fortaleça. Porém, não há sucesso nessa empreitada porque Palmira, a futura noiva, não demonstrou interesse por nenhum pretendente. Olímpia refuta os políticos renomados e os cientistas ilustres porque são vaidosos e vencedores e se sentiriam superiores a sua filha e, com certeza, não seriam tão facilmente manipulados por Olímpia. Ocorre a retomada da tese do marido vulgar, ordinário, já exposta em *Condessa Vésper*, quando Ambrosina não desejava o “herói da moda” para ser seu cônjuge. Em *Livro de uma sogra*, entretanto, essa tese é a espinha mestre da obra; já no folhetim anterior é uma tese lateral.

O experimento de Olímpia requer uma “cobaia” que precisa ser alguém simplório, de inteligência regular e, sobretudo, pobre. Opta, então, por um funcionário público, um amanuense de Secretaria de Estado. O mocinho aqui, portanto, tem que ser medíocre e nada extraordinário. Longe estamos do universo romântico em que o herói apresenta todos os atributos de um verdadeiro Hércules. O marido deve ser inferior à mulher. O único atributo positivo do noivo é sua beleza e higidez física, qualidades fundamentais para satisfazer a amada sexualmente. Olímpia, porém, transforma o genro em um negociante, já que, para ela, todos os comerciantes eram de inteligência regular, semi-analfabetos e essas características tornariam esse tipo social mais fácil de ser gerenciado. Nesse ponto, há uma definição de um tipo social bastante recorrente na obra de Aluísio Azevedo. O português pobre que se transforma em rico negociante, consagrando-se socialmente como Comendador. O título é o seu objetivo último (“O mercador no Brasil, quando não sonha outras quimeras, com uma nunca deixa de sonhar – é a comenda. E, mal a suponha realizada, começa a sonhar com o título de barão, e depois com o de visconde ou conde” LUS, p. 145). A fala de Olímpia é longa e

comporta uma crítica bem humorada e contundente à atividade especulativa do comércio que, segundo a personagem, nada produz, nada gera, mas apenas especula, sendo uma atividade desprezível (“O indivíduo sem técnica ou habilitação para produzir qualquer trabalho, o indivíduo intelectualmente nulo, pode abraçar, de um dia para outro, a carreira comercial, e pode ser feliz” LUS, p.140). O negociante português enriquece nessa prática especulativa, sem adquirir cultura e visão de mundo mais complexa (“Não são raros os exemplos de negociantes ricos, considerados e poderosos, absolutamente rasos de inteligência”.LUS, p.140). A única cultura que adquire é a romântica açucarada e infantilizada (“Todo homem de vida material detesta em questões de arte, o naturalismo e a verdade, encontre-os na estatuária, na pintura, no romance ou no teatro, e adora o maravilhoso e o fantástico. São como as crianças.” LUS, p.145). Cria seus filhos uns “mimalhos”, despreparados para o trabalho produtivo. Fá-los bacharéis e eis aí uma geração que se torna improdutiva e incompetente, não raras vezes, perdendo toda a fortuna herdada (“E o mimalho acabará fatalmente por apresentar ao mundo mais uma espécie desses milhões de bacharéis inúteis, pretenciosos e tristes, incapazes de obra mais significativa.” LUS, p.148). A terceira geração vira mendiga, pois o referido “mimalho” só dilapida a fortuna herdada do Comendador (“Mantendo-se à custa da família ou da herança até a velhice, e só vivendo para desorganizar o meio em que vegetam”. LUS, p.148). Olímpia, servindo de porta-voz ao verdadeiro autor, apresenta um diagnóstico da família brasileira, atribuindo a decadência à ignorância da base, do patriarca (“E eis por que, para sintetizar a escala geral da família brasileira feita pelos portugueses, formei este axioma: Pais – comendadores; filhos – bacharéis; netos – mendigos.” LUS, p. 148). Essa síntese crítica sobre as relações familiares e a decadência das fortunas herdadas por filhos perdulários, pode ser aplicada retrospectivamente, iluminando várias personagens de sua produção literária anterior, como Amâncio de *Casa de pensão*, Gabriel de *Condessa Vésper* e João Romão de *O cortiço*, personagens que se inserem nessa tipologia levantada.

A escolha de um comerciante para marido de Palmira, filha de Olímpia, problematiza também as relações de gênero à medida que o comerciante inculto,

vindo de extratos pobres da população e enriquecendo às custas de especulação, passa a ser manipulado pelo elemento feminino, de extrato social alto cuja cultura ocidentalizada e europeizada se impõe ao elemento masculino. Essa relação desigual de gênero é detalhadamente narrada e ficcionalizada em *O Cortiço* a partir das personagens João Romão e Zulmira. Aluísio Azevedo enfoca o discurso feminino urbano culto que se impõe em um meio escravocrata patriarcal inculto. Esse discurso, à primeira vista, pode parecer inverossímil, mas apresenta referencialidade social, atestada por José Veríssimo em seu artigo sobre *Livro de uma Sogra*.⁵

À crítica ao negociante especulativo, segue-se o elogio do trabalho, tema recorrente em Aluísio Azevedo, atendendo a certo projeto ilustrado do escritor em fazer da literatura um discurso emancipatório e crítico.

O discurso de Olímpia, ao tentar definir um bom marido para sua filha, problematiza a mediocridade dos estratos médios do funcionalismo público brasileiro; a decadência da família patriarcal; o setor comercial português especulativo e o autoritarismo da classe dominante sobre os pobres, perfazendo-se como um discurso sociológico-crítico. Leandro a tudo se submete por gostar de Palmira, a filha de Olímpia, mas também por ser pobre e, a partir do casamento, assumir uma boa posição material e social. O casamento de Leandro e Palmira é dado sob duas perspectivas: pela ótica do amor e pela venal. Entretanto, Aluísio Azevedo não destaca esta última, fazendo dela um fator degradante e humilhante ao extremo para o noivo. O casamento pode se realizar, atendendo a mais de um objetivo. Longe estamos das idealizações e abstrações românticas que elevam o amor e desvalorizam o interesse material nos consórcios amorosos. *Livro de uma sogra* funciona como contraponto ao livro *Senhora*⁶ de José de Alencar, em que a compra de um marido é demonizada e deve ser purgada por sentimentos mais elevados no decorrer da narrativa. Em *Livro de uma sogra*, a questão material é tratada sem grandes dramatizações e é uma das causas ordinárias do casamento.

⁵ VERÍSSIMO, J. A questão do casamento: a propósito do *Livro de uma sogra*. *Estudos de Literatura Brasileira*. 1ª série. São Paulo: Itatiaia, 1976, p.51.

⁶ ALENCAR, J. *Senhora*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

O material e o sentimental convivem sem pejo e sem grandes dramas de consciência para as personagens.

Outro argumento que sustenta a tese de Olímpia é a necessidade de reprodução de seres humanos mais perfeitos. Para ela, o primeiro filho, fruto do amor-paixão, é melhor gerado; já o nascimento do segundo, quando o casal já se entedia do matrimônio, é um verdadeiro atentado à natureza. Olímpia dá explicações não científicas para essa diferença de nascimento e, em prol da preservação da melhor espécie, continua aplicando o seu receituário. Instaure-se, aqui, claramente, um diálogo com as teses científicas, manipulando-as pelo avesso e ridicularizando-as.

A tese também se reporta à Bíblia, sendo portanto validada moral e eticamente. Não é somente de origem laica, como o discurso cientificista naturalista. Esse *background* religioso provoca estranheza, pois em vez de citações científicas, correntes na época, traz para o interior do texto um referencial discursivo diverso.

Outro argumento usado por Olímpia é a sua própria decepção amorosa e matrimonial. O casamento dela começou bem e logo se transformou, pois os cônjuges se desiludiram um do outro. A prática sexual, antes tão ambicionada, transformou-se em obrigação. Introduce-se aí certa comicidade no ato sexual, retirando-o tanto da chave naturalista em que imperam os instintos quanto da chave romântica em que ocorre a idealização.

Seguindo-se um certo projeto ilustrado do escritor, ataca-se o romantismo, pois, apesar de Olímpia atribuir a dissolução do seu casamento apenas ao tédio que naturalmente sobrevém à convivência ininterrupta, critica a postura romântica ao afirmar que quando se casara, não se achava “infectada” pelo romantismo. Olímpia assegura não ter sido ultra-romântica, esperando um verdadeiro herói romântico para se casar. Era já mais objetiva, não caindo na moda da época, ou seja, a visão romântica. Esta, segundo ela, idealiza os amantes, e a convivência conjugal contínua desmonta a idealização.

Olímpia, antes de optar pela monogamia, mas com intervalos de afastamento dos cônjuges, analisa vários tipos de união, construindo uma fala

bem humorada e sem preconceitos, levantado vantagens e desvantagens à série de uniões que lista. O concubinato permite permanecer com o marido e ter um amante, mas pode ser prejudicial à mulher uma vez que ela não pode transitar publicamente com o amante e o brilho social é imprescindível para a felicidade da mulher. Como vantagem, assegura que a mulher será sempre amada pelo amante em virtude de que a relação não é constante e diuturna.

A prostituição ou a poligamia não são aceitas socialmente e os filhos dessas uniões são considerados ilegítimos e isso constitui verdadeiro problema para a felicidade. O celibato vai de encontro à própria fisiologia da mulher, visto que é feita para amar e procriar. E, finalmente, o casamento tradicional tem demonstrado pelos fatos, pela observação direta dos casais, que não traz felicidade.

Ainda na linha da argumentação para a defesa de sua tese, Olímpia traz para o interior do seu discurso várias críticas a valores culturais consagrados, a partir de um tom herético, carnavalesco, grotesco e cômico. Inicia pela constatação de que os perfumistas produzem um grande engodo, pois encobrem o cheiro natural dos homens. No namoro, utilizam-se os perfumes que criam um cheiro artificial; já no casamento, sem mistificações, afloram, no cotidiano da vida a dois, os cheiros naturais que passam a ser fonte de frustração.

Num segundo momento, afirma que a mulher consegue perceber o homem desprovido de sensualidade; já o homem não. Para provar essa tese, se utiliza de um exemplo herético, comparando a recepção diferenciada da imagística da Virgem Maria e de Jesus Cristo por ambos os sexos:

Nenhum homem será capaz de impressionar-se pelos encantos físicos de uma mulher, sem que nisso entre o concurso de seus sentidos; ao passo que qualquer mulher pode admirar um homem belo, sem desejá-lo sensualmente. É assim que nós mulheres amamos Jesus Cristo; e se Maria, a formosíssima Virgem Santíssima, não tivesse, para resguardar a sua enamorada e frágil boniteza de mulher, a celestial e sacrossanta auréola de mãe de Deus, o que seria de ti, ó doce, poético e venerando prestígio do Catolicismo?... Cristo atravessa os séculos, todo nu, de braços abertos para a humanidade, e a sua nudez de homem jamais trouxe rubor de pejo às faces da donzela, nem acordou desejos no peito das mulheres.

Mas se despiassem Maria das castas vestimentas que lhe escondem o divino corpo, ela deixaria de ser a piedosa e cândida rainha dos céus, e seria Vênus, a deusa do amor e do pecado. (LUS, p.108)

Em outra ocasião desmitifica a noite de núpcias, retratando-a como um verdadeiro suplício do corpo para a mulher, utilizando-se, inclusive, do discurso cientificista.

Livro de uma sogra opera uma crítica bem humorada ao discurso cientificista de tese, bastante corrente entre os escritores de orientação real-naturalista. A obra se apresenta como um pseudotratado, indo de encontro ao ideário naturalista de uma escrita bem comportada, com bases científicas, tendo um narrador cujo saber científico, a observação precisa e a descrição técnica o levam a comprovar uma tese. Em *Livro de uma sogra* a narradora é leiga, é uma sogra autoritária que submete o genro pobre e a filha passiva aos seus mandos. Ela impõe a felicidade a ambos. Essa personagem ora aparece como megera, ora como sogra, ora como santa. Essa oscilação é cômica e compromete a seriedade do discurso. O hipercientificismo beira ao grotesco e situações de realismo cru são elaboradas, contrastando com passagens hiper-românticas. Do contraste, irrompe a fratura e a estrutura multiplanar do texto. O cientificismo é também neutralizado pelo uso do discurso bíblico que é componente de sustentação para a tese. Nesse sentido, vemos que o livro merece uma leitura mais atenta a fim de se apreciar a multiplicidade discursiva que lhe é inerente, refletindo certa pluridiscursividade social. *Livro de uma sogra* se aproxima do conceito de romance de “segunda linha”, com o qual vimos trabalhando, apresentando uma estrutura que problematiza os discursos sociais. José Veríssimo, embora criticando o estilo de Aluísio Azevedo em *Livro de uma sogra*, na epígrafe que encima este capítulo, destaca o que percebemos até agora como positivo na obra do escritor: a polivalência do discurso ao enfatizar-lhe a contradição; o paradoxo; a irregularidade estilística e a vinculação ao universo do riso.

O projeto pedagógico-ilustrado de Aluísio Azevedo, que investigamos em nossa Tese de Doutorado, cujo intuito era, a partir de narrativas folhetinescas e

românticas, fornecer ao leitor a escrita realista, aos poucos, a fim de emancipá-lo, em *Livro de uma sogra* sofre um deslocamento significativo. Aqui, o discurso real-naturalista está na berlinda, sendo carnavalizado. Uma hipótese para entender essa carnavalização pode ser encontrada no contexto social extra-literário. Sabemos que Aluísio Azevedo pertencia à geração realista que acreditava no advento da República como um novo marco, um novo período para a sociedade brasileira. Aluísio Azevedo, literato, acreditava que a literatura, por intermédio de uma escrita realista, pudesse colaborar com esse advento. A República se fez, mas trouxe uma grande decepção para os jovens republicanos, progressistas e abolicionistas. Raul Pompéia se suicidou, Olavo Bilac foi preso e exilado, Aluísio Azevedo se fez embaixador e nunca mais escreveu ficção. A realidade republicana foi decepcionante e o discurso progressista que a poderia sustentar também se tornou inoperante. Daí porque a crítica a esse discurso em *Livro de uma sogra*.

A geração realista e de boêmios, à qual Aluísio Azevedo pertencia, lutou, a partir da literatura, do jornal, das caricaturas, por um país democrático, industrial e republicano, mas, com o advento da República, esse projeto gorou porque a República se efetivou como antidemocrática e autoritária. Esse fato é sobejamente destacado por José Murilo de Carvalho em *Os bestializados*⁷ e *A formação das almas*,⁸ em que o historiador conclui que entre as várias correntes ideológicas que se debateram pela proclamação da república - jacobinos, positivistas ortodoxos, positivistas, liberais vinculados ao projeto norte-americano - esta última é quem se consolidou no poder. Essa consolidação, atrelada a um projeto econômico e cultural liberal, transforma a República em um espaço antidemocrático e autoritário que impede a participação popular em vários níveis, inclusive mediante eleições fraudulentas. O projeto desenvolvimentista-industrial que poderia inserir o pobre, o negro, os intelectuais de classe média (profesores, médicos, engenheiros, intelectuais) é boicotado por uma elite de cafeicultores que

⁷ CARVALHO, J. M. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

⁸ _____. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

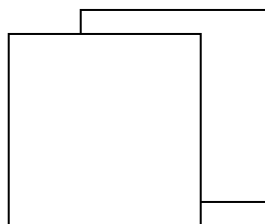
sustentam um modelo agro-expotador e especulativo (política emissionista de títulos do governo sem lastro real).

Nesse contexto, os intelectuais que acreditaram em uma nova alternativa para a sociedade brasileira se decepcionaram e esse fato pode explicar, em parte, o porquê de Aluísio Azevedo elaborar em *Livro de uma sogra* um discurso que carnavaliza a racionalidade, a objetividade e o cientificismo. Essa estrutura mais iluminista não foi suficiente para desalojar do poder a velha elite. É sintomático que Aluísio Azevedo, após se fazer Cônsul, abandone as letras, pois, na nova configuração social, um fosso se abriu entre a república das letras e a república da política e o escritor afirma esse fato por intermédio de uma linguagem menos ingênua que desentroniza e problematiza a sua visão iluminista e emancipatória anterior.

REFERÊNCIAS

_____. *O livro de uma sogra*. 12. e Brasília: INL, 1973.

_____. *Mattos, Malta ou Matta?*. Rio



ditora/

_____. *O touro negro*. Rio de Janeiro: F. Briguiet & CIA Editores, 1938.

BAKHTIN, M.O *freudismo: um esboço crítico*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec/ Editora Universidade de Brasília, 1987.

_____. *Marxismo e Filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1986.

_____. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria E. G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

_____. *Problemas da poética de Dostoiéski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense –Universitária, 1981.

_____. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: Editora Hucitec, 1988.

BILAC, O. *Vossa insolência: crônicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1984.

_____. *Araripe Júnior: Teoria, crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Edusp, 1978.

_____. A escravidão entre dois liberalismos. In: *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia da Letras, 1992.

BRAYNER, S. *Labirinto do espaço romanesco: tradição e renovação da literatura brasileira, 1820-1880*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1979.

BROCA, B. *Naturalistas, parnasianos e decadistas: vida literária do realismo ao pré-modernismo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

CALDAS, W. *Uma utopia do gosto*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

CANDIDO, A. *Formação da Literatura Brasileira (Movimentos decisivos)*. 6. ed. v.2 Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1981.

_____. A passagem do dois ao três (contribuição para o estudo das mediações na análise literária). In: *Revista de História*. Ano 25, tomo 3, v. 50, número 100, São Paulo, out/dez, 1974, p.787-799.

_____. Literatura e subdesenvolvimento. In: *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

_____. De cortiço a cortiço. In: *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

_____. Dialética da malandragem. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, 1970, n. 8.

CARVALHO, A.O Homem por Aluizio Azevedo. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 13 out. 1887.

CARVALHO, J. M. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHAUÍ, M. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

COSTA, E. V. Introdução ao estudo da emancipação política. In: C. G. Mota (org.), *Brasil em perspectiva*. São Paulo: Difel, 1968.

COUTINHO, A. *A literatura no Brasil: realismo-naturalismo-parnasianismo*. v. 3. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1969.

DREYFUS, H. L. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

EAGLETON, T. A ideologia e suas vicissitudes no marxismo ocidental. Trad. Vera Ribeiro. In: Org. Slavoj Žižek. *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

ECO, U. *O super-homem de massa* (retórica e ideologia no romance popular). São Paulo: Perspectiva, 1991.

FANINI, A.M.R. Textos de Antonio Candido, Afonso Romano de Sant'Anna e Roberto Schwarz em torno do romance *O cortiço*. In: XV SEMINÁRIO DO CELLIP: POLÍTICAS DE LINGUAGEM PARA O BRASIL, 2001, Curitiba. Curitiba: UFPR.

_____. Uma solução local para formas importadas em *Casa de Pensão*. In: *Anuário de Literatura*, Florianópolis: UFSC, n.8, p.29-56, 2000.

FARACO, C. A. O dialogismo como chave de uma antropologia filosófica. In: Carlos Alberto Faraco, Cristovão Tezza, Gilberto de Castro (orgs.). *Diálogos com Bakhtin*. 3 ed. Curitiba: UFPR, 2001.

FAUSTO, B. Passado a limpo. *Folha de São Paulo*, Caderno Mais, 21 abr. de 2002. p. 16 - 17.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. Tradução Lígia M. Pondé Vassalo. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

_____. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Salma Tannus Muchail. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. *Resumo dos cursos do Collège de France*. Trad. Andrea Daher. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

_____. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1999.

FRANCO, M. S. C. *Homens livres na ordem escravocrata*. 4. ed. São Paulo: Unesp, 1997.

GARDINER, M. *The Dialogics of Critique: M. M. Bakhtin and the theory of ideology*. London and New Yor, Routledge, 1992.

GOLDMANN, L. *A sociologia do romance*. 3.ed. Trad. Alvaro Cabral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

GOMES, E. O hibridismo estético de Aluizio Azevedo. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 4 set. 1954.

GORENDER, J. *O escravismo colonial*. São Paulo: Ática, 1992.

_____. *A escravidão reabilitada*. São Paulo: Ática, 1990.

GRAMSCI, A. *Concepção dialética da história*. 10. ed. Trad. Carlos Nelson Coutinho, São Paulo: Civilização Brasileira, 1995.

HOLQUIST, M. *Dialogism: Bakhtin and his world*. London and New York: Routledge, 1990.

IGLÉSIAS, F. *Trajetória Política do Brasil(1500-1964)*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

LIMA, H. Alguns aspectos de Aluísio Azevedo. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 21 fev. 1960.

KOTHE, F. *A narrativa trivial*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1994.

_____. *O Cânone imperial*. Brasília: Editora da Unb, 2000.

LAJOLO, M. ; ZILBERMAN, R. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1999.

LINHARES, T. *História crítica do romance brasileiro: 1728-1981*. v. 2. Belo Horizonte: Itatiaia/ São Paulo: Edusp, 1987.

LÖWY, M. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento*. Trad. Juarez Guimarães. São Paulo, Busca Vida, 1987.

LUCKÁCS, G. *Ensaio sobre Literatura*. 2. ed., Civilização Brasileira, 1968.

MACEDO, J. M. *A moreninha*. 14.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

MAGALHÃES JUNIOR, R. O centenário de Aluizio Azevedo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 dez.1957, p.2., 3º Caderno e 29 dez. 1957, p. 4, 3º Caderno.

MAGALHÃES, V. Galeria do elogio mutuo: Aluizio Azevedo. *A Semana*, Rio de Janeiro, 20 nov. 1886.

_____. Aluísio Azevedo: O mulato. A casa de pensão. O homem. In: *Escretores e escritos* (perfis literários e esboços críticos). Rio de Janeiro: Typografia e Lithographia de Carlos Gaspar da Silva, 1889.

MANDEL, E. *Delícias do crime: história social do romance policial*. Trad. Nilton Goldman. São Paulo: Busca Vida, 1988.

MARTINS, W. *A crítica literária no Brasil*. v.2. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

MAUÁ: o imperador e o rei. Direção de Sérgio Rezende. Rio de Janeiro / Inglaterra. Produção: Lagoa Cultural e Esportiva. Distribuidora: Buena Vista, 2000.

MARX, K. *O Dezoito Brumário de Louis Bonaparte*. Trad. Silvio Donizete Chagas. São Paulo: Editora Moraes, 1987.

_____. ; FRIEDRICH, E. *A sagrada família ou crítica da crítica crítica contra Bruno Bauer e seus seguidores*. Trad. Sérgio José Schirato. São Paulo: Editora Moraes, 1987.

MAYA, A. *A obra de Aluizio Azevedo. Suplemento Literário de A Manhã*, Rio de Janeiro, v. 2, p.173-174., 5 abr. 1942.

_____. Discurso do Sr. Alcides Maya. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, abr. 1920.

MAYER, M. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MENEZES, R. *Aluísio Azevedo: uma vida de romance*. 2.ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1984.

MÈRIEN, J. Y. *Aluísio Azevedo: vida e obra(1857-1913)*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/ Banco Sudameris, Brasília: INL, 1988.

MOISÉS, M. *História da literatura brasileira: realismo*. v.3. São Paulo: Cutrix/ Editora da USP, 1983.

MONTELLO, J. *Aluísio Azevedo e a polêmica d'O mulato*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975

_____. Uma lágrima de mulher: primeiro livro de Aluísio Azevedo. *Vitrine*, Rio de Janeiro, jun. 1943.

MORETTI, F. Conjeturas sobre a literatura mundial. In: SADER, E. (ORG.). *Contracorrente: o melhor da New Left Review em 2000*. Trad. Maria Alice Máximo et al. São Paulo: Record, 2001.

NABUCO, J. *O abolicionismo*. 6.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

NETO, C. *A conquista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

OLIVEIRA, F. *Literatura e civilização*. São Paulo/ Rio de Janeiro: Difel; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1978.

PEREIRA, L. M. *História da literatura brasileira: prosa de ficção (de 1870 a 1920)*. São Paulo: Itatiaia/ Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

POMPÉIA, R. ; AZEVEDO, A ; PATROCÍNIO, J. As jóias da Coroa, Um roubo no Olimpo, A ponte do catete. In: PAULA, S. G. (org.). *Um monarca da fuzarca: três versões para um escândalo na corte*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

PONSON du TERRAIL, Piere-Alexis. *Misérias de Londres*. v.7, s/l, Nacional, 1931.

_____. *As aventuras de Rocambole*. Trad. Gonçalo Alves. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

ROMERO, S. *História da literatura brasileira*. 4.ed., org. Nelson Romero. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1949.

ROURE, A. *O Livro de uma sogra: impressões de leitura*. O Paiz, Rio de Janeiro, 13 e 17 out. 1895.

SALGARI, E. *O Corsário Negro*. Trad. Graciela Karman, São Paulo: Nova Fronteira, 1987.

SCHWARZ, R. As idéias fora do lugar. In: *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. 34. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

_____. Adequação nacional e originalidade crítica. In: *Seqüências Brasileiras: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil- 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. *As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SODRÉ, N. W. *História da imprensa no Brasil*. 2.ed., Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977.

_____. *O naturalismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

_____. *A ideologia do colonialismo: seus reflexos no pensamento brasileiro*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

_____. *História da literatura brasileira*. 8. ed. São Paulo: Difel, 1982.

SOUZA, T. *O Filho do pescador*. Rio de Janeiro: Artium, 1997.

SUE, E. *Os mistérios de Paris*. Trad. João Corrêa de Sá e Yolanda Montour. São Paulo: Eli, s/d.

TAVORA, A. D. *Pedro II e o seu mundo através da caricatura*. 2. ed. Rio de Janeiro: Documentário, 1976.

TIHANOV, G. Reification and Dialogue: aspects of the theory of culture in Lukács and Bakhtin. Disponível em: <http://www.shef.ac.uk/uni/academic/A-C/bakh/tihanov.html>> acesso em 10 març. 2000.

VERÍSSIMO, J. *Estudos de literatura brasileira*. 1ª série. São Paulo, ed. Itatiaia, Edusp, 1976

_____. *História da Literatura Brasileira-De bento Teixeira a Machado de Assis-*, 1963.

VIANNA, A. S. *Literatura: romance de Aluizio Azevedo. A Pacotilha*, Maranhão, 10 a 16 set. 1881.

WEBER, J. H. *Caminhos do romance brasileiro: de A Moreninha a Os Guaianãs*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

WILLIAMS, R. *Cultura*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

WOOD, E. M.; FOSTER, J., (Orgs.). *Em defesa da história: marxismo e pós-moderno*. Trad. Ruy Jungman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.